



CORREIA, João de Araújo. *O Porto do meu tempo*. 2. ed. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2011. 178 p.

---

### O ofício da vontade e da memória

Neste livro de João de Araújo Correia (JAC) – uma antologia de trinta crónicas e testemunhos recolhidos, cronologicamente, de vários livros (de *Três meses de inferno*, 1947, a *Palavras fora da boca*, 1972) – a crónica cumpre as características de narração seriada, do ponto de vista cronológico, de factos passados, focalizando não tanto a duração contínua do acontecer como a duração restrita de factos sucedidos, remetendo também para pequenas histórias, acontecimentos avulsos. O prefácio de José Viale Moutinho, que inclui a conversa que teve com JAC em 1980, vale, com efeito (nas palavras do prefaciador), como reforço ao retrato do homem e do escritor. Da transcrição da conversa, há a destacar a emissão de juízo do autor de *Contos Bárbaros* acerca da crónica e do conto. Diz: “Quanto às fronteiras de crónica e conto, direi que são naturais como um rio. Crónica é o relato do acontecido – ainda que possa admitir, como condimento, cinco réis de fantasia. Conto é invenção de sucessos. Feliz do contista que saiba fantasiar como quem interpreta a natureza”. Sintético e lapidar, como é seu timbre. Podemos ainda confirmar (como se não fosse evidente, bastando apenas lê-lo atentamente) que a sua criação literária vem de Camilo Castelo Branco e que acredita ter recebido de Trindade Coelho a sua “graciosa simplicidade”. E como seria de esperar, nesta conversa reafirma o conforto do seu eremitério, vincando: “Não me faz falta a macrocefalia lisboeta. A macrocefalia que me mantém alerta, intelectualmente, é a dos livros”.

Justamente, esta obra suscita o prazer da leitura desde logo por se centrar inteiramente no Porto e em figuras ilustres da cidade e da região. Permite, assim, conhecer (melhor) o Porto num cenário literário e um universo fascinante que o autor incute ao discurso, condimentado de comedida saudade. É, na verdade, uma homenagem ao Porto. Ao ler esta obra encontramos retratos de personalidades, preocupações cívicas e intelectuais, mas também uma notável consciência regional. Arranca das memórias da infância e da adolescência a sua

origem como homem e, já na pele de escritor, devolve a visibilidade a gente que merece ser sempre lembrada.

Na construção da obra, textos como “Camilo Fabuloso”, “Ricardo Jorge no Purgatório das Letras”, “Este Porto” (um dos centrais na obra), “Ir ao Porto”, “Museu do Porto”, “Ricardo Jorge, O Portuense” (cognome com que ficou conhecido, por tanto amar, como Sampaio Bruno, a cidade), ou mesmo “O Porto do meu tempo”, que empresta o título ao livro, estes e outros oferecem imediatos patamares de acesso ao seu universo – só o discurso por vezes mais rebuscado pode fechar as portas mais óbvias, mas que imediatamente é socorrido pelo gracioso humor que JAC incute nos seus textos. Deste modo, Camilo é frequentemente lembrado e evocado – Camilo que dizia mal do Porto, mas só nele se sentia bem; Ricardo Jorge, médico e literato, que escrevia de modo pitoresco, com graça e ternura, oscilando entre o científico e o vernáculo, em mais do que um texto JAC coloca os seus olhos sensíveis, mas ignaros, sobre a face portuense de Ricardo Jorge, elevando o casticismo deste; e precisamente no texto homónimo do título da antologia JAC faz um voo rasante por várias personagens e personalidades do Porto. Neste e noutros textos desfilam homenagens a homens, misturando a história e a memória de insígnies médicos, escritores e outros ilustres conhecidos ou desconhecidos – alguns deles: Magalhães de Lemos, Rocha Pereira (seu médico), Augusto de Mesquita, António Emílio de Magalhães, Santos Pereira, João de Meira (imitador de ilustres da literatura portuguesa e estrangeira), Hamilton de Araújo (cuja memória recorrentemente se esforça por honrar por se tratar de poeta falecido precocemente, com 20 anos) e outros mais que peço escusa de nomear, atribuindo inclusive o título “O senhor Porto” a uma crónica que se ocupa de um desconhecido; mas também recorda locais – acontece nos textos “Ramada Alta”, local emblemático da cidade, e “Foz Velha”, em que evoca Junqueiro e Camilo. Entre os temas menores encontra-se a recorrentemente questão da Língua Portuguesa, da Linguística em específico, que JAC



não suporta ver desrespeitada, o que acontece, diz, com certas tendências experimentais, por exemplo, da certa literatura da segunda metade do século XX. Não aceita. E faz insistentes incursões na memória de vultos de peso da literatura portuguesa – para lá dos já referidos, acrescenta-se Fialho de Almeida. E como é costume reconhecer no autor de *Contos Durienses*, a morte é tema recorrente.

É através de um mecanismo de linguagem simultaneamente apelativa e elegante que JAC seduz o leitor a entrar nos seus textos. Só se afasta quem não souber apreciar a distinção de um “clássico contemporâneo” que deixa forte elogio sobre o Porto do seu tempo em “Este Porto”:

Durante a homenagem do *Ateneu Comercial do Porto* a Ferreira de Castro, pensei comigo: este Porto, que é o deus Mercúrio em pessoa, não é bem como se pinta. Quando põe os taipais, não despe as asas. Transforma-se em manto com que agasalha os escritores, os podres e os artistas. Na sua sala de receber, que é o Ateneu, foram acarinhadas límpidas figuras da nossa vida mental. E, até de fora, ali vieram poisar aves de longo e firme voo – como Berta Singermann.

E renova-o no fim:

O Porto é uma cidade utilitária. É, em pessoa, o deus Mercúrio. Mas, quando põe os taipais, não despe as asas. Transforma-as em manto com que agasalha os trabalhadores de espírito e os carecidos de toda a espécie de graça.

Assim, esta obra compreende-se melhor como uma consulta da memória e do coração. Não necessita de esclarecimentos ou iluminações. Os seus textos são, em si, esclarecimentos e iluminações e creio que desde o primeiro enriquece o olhar do leitor perante o livro. Não coloca questões a quem o lê. É um exercício de honradez, de observância dos princípios por que se pautam os deveres da moral e da justiça – mas elaborada justamente com a mais alta temperatura literária, pois nunca o soube fazer de outro modo João de Araújo Correia. Deste modo, é um ofício da vontade e da memória.

ANTÓNIO JOSÉ BORGES

CLEPUL/Universidade de Lisboa

Recebido: 01 de julho de 2013  
Aprovado: 10 de setembro de 2013  
Contato: aj.borges@sapo.pt